

## Capítulo 7

### Vida da Igreja Além da “Obra” (2)

Descobrimo mal entendidos sobre números

Há pouco tempo recebi um telefonema de uma igreja local do meio-oeste. Um obreiro do LSM visitou os santos de lá, casa por casa, relatando “toda a história” da quarentena de Titus Chu, a obra de Uganda e os desastres de Colombo e Mansfield. Ele, é claro, tinha muito o que explicar antes de chegar ao final - que a igreja deveria seguir “o ministério da era” e repudiar todo mundo. O casal que me ligou sobre esse encontro estava longe de ser abalado pelo discurso do obreiro. “Sentimos muito por esse homem”, disseram eles. “Você poderia dizer que algo estava errado com ele. As coisas que ele estava dizendo eram tão extremas e, no entanto, ele acreditava nelas.”

O casal relatou como surgiu o assunto de uma igreja local não-LSM e como o Senhor parecia tê-la abençoado com uma impressionante taxa de crescimento. “Oh, isso é apenas números; esse é um Cristo fraco”, o obreiro zombou.

Quando ouvi essa observação, lembrei-me das muitas vezes em que encontrei tais sentimentos, reembalados e solenemente distribuídos entre membros de grupos estreitos ou moribundos. Tudo se resume à premissa central de que “os números são ruins, a espiritualidade é boa” (como se não houvesse uma maneira possível de coexistirem). De alguma forma, a perspectiva de centenas e centenas de pessoas dando suas vidas a Cristo, desenvolvendo uma vida espiritual e recebendo um ao outro na fé cristã, não move essas pessoas. Os céus estão se regozijando, como Jesus disse, mas não elas. Qual é a alternativa preferível que elas têm em mente? É uma dúzia ou mais de pessoas se debruçando sobre os materiais do ministério, dizendo um ao outro coisas que todos já sabem, mas agem como se nunca tivessem ouvido falar. Assim, ouvimos que “não é a quantidade, mas a qualidade que conta” e “os números não são vida”, e muitos outros *slogans* que eu irei desmistificar mais adiante neste capítulo.

Um paradoxo muito curioso, no entanto, ocorre quando esses pequenos grupos peculiares e raquíticos são temporariamente capazes de experimentar um aumento no número de membros. De repente, em uma impressionante reversão de atitudes, eles começam a proclamar seus números maiores como prova da bênção do Senhor. Por exemplo, durante os anos 80, o Movimento Igreja Local focalizou escrupulosamente os números. Foram adotadas estratégias que foram especificamente projetadas para produzir o maior número de respostas positivas para os voluntários porta-a-porta da Igreja Local. Gráficos e registros foram publicados, mantendo o

controle do sucesso numérico. Em alguns lugares, aqueles que alcançaram a maior quantidade de batismos foram literalmente saudados (como no exército) por membros da igreja menos produtivos. Números foram lidos triunfantemente em locais públicos para responder aos gritos de “Amém!”

Nos anos noventa houve vários movimentos para diferentes países (Rússia e os antigos países do bloco oriental), todos, é claro, relatados com mais do que ampla atenção aos números. E então havia os números da distribuição: quantos milhares de Bíblias *Versão Restauração* e outras peças de literatura foram distribuídas - todas relatadas, novamente, para impressionar o ouvinte com o fato de que o Senhor estava abençoando a obra. O duplo padrão tornou-se claro: enquanto o Movimento Igreja Local tiver números ou popularidade, ele se orgulhará de que “o Senhor deu à Sua Restauração uma porta aberta”. Mas se outros grupos florescerem ao ponto de eclipsar as Igrejas Locais (que atualmente é o caso em quase todas as cidades da Terra), o Movimento sustenta que números e apelo popular são carnais, superficiais e indesejados de qualquer maneira.

### **Bolos não virados – um desdém pelos números**

Em sua história anterior na América do Norte, o Movimento Igreja Local percorreu a onda dos anos 1960 do “Movimento de Jesus”. Como outros grupos (como a Calvary Chapel), que foram gerados naquela época, ganhou um fluxo de juventude idealista. Após esse impulso inicial, o Movimento Igreja Local estabeleceu uma busca sincera por “verdade” e “desfrute”. Então, nos anos 80, através de Witness Lee, ele experimentou uma espécie de epifania, percebendo que o número de novos membros havia chegado ao fundo e o desgaste lento começou a se instalar mesmo entre pessoas experientes.

Isso levou a uma mudança nas proporções sísmicas, onde o crescimento numérico, as estatísticas e os métodos reivindicaram o estágio central. Além disso, infelizmente, os membros foram apanhados na trilha de sucção de atividades que às vezes eram bizarramente inadequadas para suas comunidades. Leitura de livretos para as pessoas através de portas de tela, batismos de banheira, “virando à esquerda” e vestes parecidas com as dos Mórmon, o que não teve muitos resultados com muitos membros da Igreja Local e, por fim, estagnou.

Como era típico do Movimento, coisas boas – pregação do evangelho, batismos e ensinamentos – rapidamente se enredaram com sentimentos legalistas. Por um breve, mas intenso tempo, a promoção e a aplicação dessa “Nova Via” pareciam alcançar todos os cantos do Movimento, eventualmente provocando uma hemorragia geral em seus membros. Embora o Centro-Oeste estivesse longe do centro do drama, lembro-me de eu mesmo contemplar uma saída

naquele tempo. Quase imperceptivelmente, eu havia escapado de uma vida simples de verdade e serviço para o que começava a parecer um mundo de vendas e *marketing* religiosos vazios. Sem a gentil intervenção de um irmão que me reintroduziu à Bíblia, ao Espírito Santo e a um exercício mais saudável no evangelho, eu certamente teria partido (talvez completamente da vida cristã).

Tais experiências religiosas têm prolongados efeitos posteriores. O principal deles é uma atitude azeda em relação ao crescimento da igreja. Isso faz com que os crentes afetados se tornem como o bolo de Oséias 7:8. Tendo sido feridos de um lado, eles compensam virando e cozinhando exclusivamente do outro lado. É por isso que indivíduos e até igrejas inteiras podem às vezes ser ouvidos, jurando nunca mais se importar com números. Mas esse extremo é tão prejudicial quanto o que o provocou. Uma igreja com pouco ou nenhum aumento acabará sendo sobrecarregada com uma adesão que está envelhecendo no esquecimento. A extinção estará ao virar da esquina.

Inegavelmente, questões relacionadas à vida interior e vitalidade espiritual são cruciais na experiência cristã. Mas a espiritualidade deveria nos levar a desprezar os números? A quantidade é inconsequente? Não devemos nos preocupar com quantas pessoas estão sendo salvas, sendo pastoreadas, sendo discipuladas e participando de reuniões da igreja? Essas são questões incendiárias entre os cristãos hoje. De um lado do extremo estão sérios comprometimentos e consumismo desenfreado, enquanto do outro estão igrejas estacionadas, irrelevantes e improdutivas.

Abordar a questão envolverá necessariamente cozinhar os dois lados do “bolo”. E então começamos com aqueles que olham com desconfiança para os números. Pequenos grupos de cristãos hiper-espirituais tendem a ser assim. Eles freqüentemente denunciam estratégias para realizar a obra do Senhor como sendo obra da carne ou esforços do homem natural. Quando o livro de Atos diz que “o Senhor acrescentava diariamente aqueles que estavam sendo salvos”, eles concordam de todo coração que somente o Senhor o fez. Então, para eles, “trabalho cristão” é uma contradição em termos, um oxímoro<sup>1</sup>.

Coisas como salvação, discipulado e crescimento da igreja que eles mantêm devem ser feitas sem esforço. Ninguém precisa planejar ou fazer algo, muito menos ficar exausto. O julgamento final sobre o assunto é que é melhor ser pequeno em número do que se engajar no trabalho de carne religiosa. Assim, as taxas de frequência diminutas não os incomodam nem um pouco. O grupo acredita que é pequeno porque o Senhor prefere assim.

No entanto, esses grupos geralmente são pequenos apenas porque querem isso dessa maneira. Atitudes excessivamente estreitas tornam-nas peculiares e pouco atraentes para

---

<sup>1</sup> Figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão (p.ex.: obscura claridade, música silenciosa); paradoxismo.

peessoas de fora. Nem a sociedade dominante alienante necessariamente os incomoda. Eles não se veem como existentes para propósitos redentores na comunidade, mas como repositórios especiais de revelações superiores, mistérios e conhecimento oculto. Esses grupos cristãos “mais profundos” quase nunca têm um impacto significativo no mundo. Suas crenças religiosas tipicamente os impedem de ter um testemunho efetivo nas comunidades, já que eles não querem se tornar poluídos com os cristãos regulares ou os não-salvos. Não há necessidade de pensar em sua pequenez de tamanho como se fosse uma questão de projeto soberano ou um mistério de seleção divina. É o produto natural de ser estranho.

Agora, parece que a melhor maneira de levar esses grupos de volta à realidade seria a investigação objetiva.

Por exemplo, uma alma simples poderia perguntar por que o grupo era tão pequeno, dada sua reivindicação de ser o lugar preferido de operação de Deus na Terra. A lógica da questão se enquadra na mesma categoria de perguntar por que, se o salão *Joe's Pizza* faz a melhor pizza do mundo (como diz a placa da janela), nunca há mais do que duas ou três pessoas na sala de visitas. Essa parece ser uma maneira fácil de neutralizar alegações grandiosas e pode funcionar com a *Joe's Pizza*, mas não se sairá tão bem com os devotos. Nunca subestime o poder da religião para deixar de lado o senso comum. Os cristãos rapidamente recorrerão a um cômputo de versículos para defender posições indefensáveis. Neste caso, as passagens que eles normalmente citam são usadas não só para justificar sua pequena adesão, mas também para aplicar uma inclinação negativa contra os números em geral.

Uma citação muito popular é “Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos” (Mateus 22:14). O versículo parece sugerir que a dispersão de quantidade está de acordo com o desígnio de Deus. De acordo com essa lógica, tentativas de ter mais do que “poucas” pessoas seriam uma tentativa de suplantar a vontade de Deus. No entanto, quando colocamos este versículo em seu contexto original, notamos que ele se refere à festa de casamento do Senhor no final desta era, e não ao tamanho da membresia da igreja. Alguns irão replicar de maneira previsível que aqueles em um pequeno grupo especial são os escolhidos que estão sendo preparados para a festa de casamento na próxima era e é por isso que eles são tão poucos. Esse pensamento, no entanto, é pouco mais do que propaganda do próprio grupo. Simplesmente não há evidências que sustentem o pensamento de que pertencer a um grupo cristão particular garante uma recompensa no final dos tempos.

João capítulo 11 contém uma descrição da pequena casa em Betânia, outro ponto de contato favorito para aqueles que procuram impugnar números. É um retrato, dizem alguns, de uma vida íntima da igreja cuja realidade não é viável em um grande grupo. Esta passagem, no entanto, não faz declarações prescritivas sobre qualquer coisa. É uma parte da narrativa do

evangelho, a história contínua de Jesus, e não um tratado doutrinário sobre como praticar a igreja do Novo Testamento. Embora seja bom ler João 11 como uma ilustração de princípios como comunhão íntima, ressurreição (em Lázaro), serviço (em Marta) e amor (em Maria), ele não faz declarações sobre características externas como o tamanho desejado de uma congregação. Muitas igrejas maiores têm um equilíbrio igualmente proficiente sobre a ressurreição, serviço, amor e comunhão como suas contrapartes menores. Seus mega-números não são um problema, já que muitos deles conseguem se estruturar em pequenos grupos dinâmicos, onde preservaram o princípio da “pequena casa”. Uma associação anã, então, não é o único caminho possível para as vantagens espirituais serem conferidas a um grupo cristão.

“A grande árvore” (Mateus 13:31-32) é uma parábola tipicamente usada para representar números de maneira negativa. Pensou-se que um pequeno grupo de crentes não deveria se tornar em nada grande ou então se tornaria corrupto no processo. O ponto da parábola, no entanto, é que, em vez de ser uma produtora de alimentos, a árvore se torna um local de descanso para as aves. Mesmo pequenas igrejas podem cair nesta descrição. Alguns santos em um pequeno salão podem facilmente tornar-se um “hang-out” para panelinhas, fofocas e mordidas pelas costas, um lugar que não é mais propício para a vida espiritual. Um grupo de quarenta pessoas pode desenvolver uma cultura da igreja tão insalubre quanto um de quatro mil. A questão não é de tamanho, mas do que está ali.

“Pequeno rebanho” (Lucas 12:32) foi um designador que o Senhor Jesus aplicou a Seus seguidores. É também outro ponto de conversa popular para influenciar os números. Mas o adjetivo “pequeno” significava ser uma proibição contra grandes números ou era para descrever o *status* diminutivo da igreja neste mundo? Em termos de política e grandeza natural, a igreja deveria ser pequena. No entanto, quando as pessoas super-espirituais tentam usar o “pequeno rebanho” para significar pouco em número, mais questões são levantadas. Por exemplo, quão pouco é “pequeno”? Quando um grupo de pessoas aumenta de tamanho até que eles cruzem a linha e deixem de ser o “pequeno rebanho”? É claro que é impossível descobrir. A Bíblia nunca nos dá tais números, porque quando o Senhor disse “pequeno rebanho”, Ele mais do que provavelmente não tinha uma marcação literal em mente.

A fim de justificar as taxas de crescimento inexistentes, também foram feitos apelos aos princípios do Antigo Testamento. Por exemplo, aqueles que retornaram à Terra Santa nos livros de restauração do Antigo Testamento eram um pequeno número, apenas cerca de 42.000. A maioria permaneceu na Babilônia. Portanto, para alguns comentaristas, grandes números significam a Babilônia religiosa. Esse tipo de estudo bíblico é problemático. O número de remanescentes permaneceu sempre pequeno? Quando Jesus chegou quatrocentos anos depois, havia apenas 42 mil na Terra Santa? Claro que não. Naquela época, pode ter havido milhões. Se

tomarmos dois milhões como a população estimada de Israel durante o tempo de Cristo, isso significa que os 42.000 originais teriam que aumentar aproximadamente quarenta e oito vezes. Expor as porcentagens ao longo de quatrocentos anos mostraria o remanescente de 500 mil após o seu primeiro século em Israel e, depois disso, ganharia 500 mil a cada século. O quadro de restauração, portanto, não faz parte de um grupo pequeno que permaneceu pequeno, mas de um pequeno grupo começando e crescendo em ritmo constante e ascendente.

### **Cozinhando o outro lado do bolo – quando os números são ruins**

Tendo abordado alguns dos preconceitos contra a força numérica, agora voltamos nossa atenção para atitudes que dão uma zelosa “aprovação” ao crescimento da igreja. O tamanho nem sempre é bom. Em primeiro lugar, os números não são positivos quando resultam em complacência em relação às pessoas.

Lucas, capítulo 15, descreve o pastor deixando as “noventa e nove” e procurando a “uma”. Mas, às vezes, um grande número de pessoas nos acalma e sentimos que a “uma” não é mais importante porque as “noventa e nove” ainda estão lá. Esta é a queixa de muitas pessoas que deixaram o movimento da megaigreja. Com o tempo, eles passaram a se sentir como pessoas que eram apenas boas para o apoio de membresia e financeiro. Perdidos em um mar de outros, ninguém percebeu quem eles eram ou o que eles estavam passando em suas vidas pessoais. Finalmente, quando eles saíram, ninguém notou ou se importou. Essa despersonalização é provavelmente a principal razão pela qual a maioria das pessoas não gosta de grandes grupos.

Além disso, os números não são bons quando existem para gratificar o ego. Davi contabilizou Israel (1Cr 21: 1-4) e foi um pecado que enfureceu a Deus, não porque os números estivessem errados, mas porque o orgulho o levou a ordenar a contagem. O tamanho de Israel havia se tornado um troféu para ele, uma ocasião para a glória da carne. Os servos do Senhor hoje também podem cultivar um desejo de sucesso no trabalho espiritual semelhante ao modo como os empreendedores fazem no trabalho secular. Eles podem ser atraídos para se tornarem escaladores, autopromotores, celebridades e formadores de opinião do momento. E tais realizações religiosas parecem quase certas se o ministro em questão pode reunir um grande número de pessoas uma vez por semana nos cultos da igreja. O preço do avanço numérico, no entanto, pode ser alto. Desespero para ter sucesso muitas vezes envolve o corte de cantos éticos ou o uso de pessoas como ferramentas. Quando os membros de uma igreja sentem que a ambição cega conduz a congregação, e não o encargo dado por Deus, acabam se sentindo como peões usados para edificar o império pessoal de alguém. No caso de Davi, uma praga atingiu o povo depois que

ele os contou (1Cr 21:14). No caso de uma igreja maltratada, a devastação espiritual também pode ocorrer à medida que membros desiludidos partem.

Os números não são bons quando são utilizados para provar a ortodoxia. O tamanho da associação nunca deve ser visto como uma prova conclusiva de que um grupo está certo. De fato, muitas vezes nas escrituras, a maioria errou. Onze tribos de Israel cometeram idolatria restando uma, Levi, que ficou do lado de Moisés e Deus (Êxodo 32: 25-26). Mais tarde, dez tribos se separaram dos doze, deixando apenas dois, Benjamim e Judá, ainda fiéis ao Senhor. Depois, há o relato de quatrocentos falsos profetas de Baal em pé contra um autêntico profeta, Elias (1 Reis 18:17-39). No Novo Testamento, o próprio Senhor disse que muitos entrarão pela ampla porta que leva à destruição, enquanto poucos encontram a porta estreita que leva à vida (Mt 7:13-14). Também somos lembrados dos milhares que estavam na igreja em Jerusalém, embora isso certamente não significasse que Deus estava feliz com sua mistura posterior do judaísmo e da fé cristã (Atos 21:20). Portanto, existe um perigo real de sermos enganados se procurarmos provas de legitimidade nos números. Mesmo grupos de seitas como os mórmons têm taxas de crescimento impressionantes. Se quisermos estabelecer a ortodoxia de um grupo cristão e a verdadeira bênção do Senhor sobre ele, não devemos apenas considerar seus números, mas a doutrina que ela contém e o fruto de seu viver.

Finalmente, os números não são bons quando sacrificamos crenças básicas em razão deles. É lamentável que, com demasiada frequência, estes sejam necessários para o comércio nos círculos cristãos contemporâneos. Alguns gurus do crescimento da igreja contornam a possibilidade de ofender as pessoas e, assim, sofrem com a diminuição do número de membros, abrigando verdades importantes como a supremacia de Cristo, pecado, julgamento, expiação do sangue ou moralidade bíblica. Mas se eliminarmos essas coisas, as boas novas são evisceradas de algo bom. Onde está o contraste? Por que o perdão dos pecados é tão maravilhoso se não existe uma alternativa terrível?

A fidelidade bíblica nunca é uma boa troca de números. Uma multidão de quase-cristãos que “meio que” mantém a fé cristã nunca satisfará o coração de Deus ou o nosso.

### **Números de acordo com Deus**

Tendo cozinhado ambos os lados do bolo de números polêmicos, é hora de considerar a questão do ponto de vista divino. A preocupação com a quantidade não se origina em ambições equivocadas. Gênesis 1:26 registra Deus dizendo que Adão e Eva fossem frutíferos e se multiplicassem. A palavra “multiplicar” obviamente tem a ver com o aumento numérico. É uma palavra ainda mais forte que a adição. O Criador pretendia que Sua imagem fosse

exponencialmente duplicada. Ele nunca quis que Adão produzisse algumas crianças e depois relaxasse com a certeza de que elas eram seres humanos de alta qualidade. Não deveria haver preferência ou mesmo uma tensão entre qualidade e quantidade. O fruto de Adão era ter os dois. A ordem de multiplicar a imagem de Deus estava relacionada com sua missão, não com sua ganância.

Mais tarde, parte do “evangelho” de Deus para Abraão foi que Ele iria multiplicar os descendentes de Abraão como as estrelas do céu e como a areia na praia (Gênesis 22:17). A metáfora que Deus selecionou – estrelas e grãos de areia – foi, entre outras coisas, destinada a comunicar a ideia de grandes números. Ali mesmo tecido na promessa divina havia uma ênfase na plenitude. Sem desculpas, Deus valorizava a abundância e procurou encorajar Abraão com a promessa disso.

Além dos pontos precedentes, a Sagrada Escritura contém um livro inteiro chamado Números. Dentro dele, muitas figuras são dadas – números de tribos e famílias, de exércitos, de pessoas – tantas, na verdade, que o leitor comum se cansa e quer pular sobre elas. Sob a inspiração do Espírito Santo, Moisés escreveu esses números para registrar o escopo do testemunho de Deus no Antigo Testamento. O testemunho de Deus é uma grande questão no universo. Tem a ver com o movimento de um grupo junto com Ele, sua consagração, sua disposição de lutar batalhas espirituais e sua adoração a Ele. Quanto maior o testemunho, melhor. Com isso em mente, é mais fácil detectar um certo entusiasmo divino por trás das contas numéricas “secas” em Números.

No evangelho de João, o Senhor Jesus disse: “Meu Pai é glorificado nisto: em que deis muito fruto...” (15:8). Grupos ultra-espirituais acham esse tipo de pensamento suspeito. Seqüestrados em lugares minúsculos e escondidos de vista, eles normalmente não dão muito fruto e olham para aqueles que são eficazes em fazê-lo simplesmente como sendo “obreiros”. Mas, como o Senhor declarou, a glória do Pai depende da quantidade. Em um esforço para escapar desse fato, os grupos cristãos tentam redefinir “frutos” como sendo apenas as virtudes do Espírito mencionadas no capítulo 5 de Gálatas, e não as pessoas. No entanto, a Bíblia retrata intercambiavelmente frutos como ambos convertidos à fé e ao caráter espiritual. “Fruto” não significa exclusivamente um com exclusão do outro. De fato, o verdadeiro fruto da virtude espiritual finalmente se ramifica e se reproduz como fruto verdadeiro em outras pessoas.

O Senhor revelou Sua expectativa de bons cristãos frutíferos quando Ele falou de trinta, sessenta e cem quantidades de produção de frutos (Mt.13:23). Uma vez que algumas pessoas religiosas estreitas não têm desejo de atingir tal produtividade, elas tentam ajustar a interpretação da parábola do número de almas ao crescimento espiritual. “Somos pequenos em número”, dizem eles, “mas crescemos trinta vezes em Cristo!” Na verdade, se um aumento de



trinta vezes na espiritualidade autêntica tivesse ocorrido, certamente produziria um aumento de novas pessoas. Basta pensar nisso – com Cristo aumentando tanto em um grupo cristão, ou seja, “bondade, compaixão, mansidão, amor, fidelidade, autocontrole” (Gálatas 5:22-23), o mundo exterior não poderia deixar de responder a Ele!

A parábola da figueira em Lucas 13:6-9 nos lembra ainda mais sobre o nível de importância que Deus atribui à fecundidade - “Por três anos venho buscando frutos nesta figueira e não a encontrei. Corte-a, por que ela usa o solo em vão?” Embora a Bíblia fale muito sobre a vida espiritual e a necessidade de tê-la e desfrutá-la, uma árvore frutífera “viva” sem frutos é inútil. Poderíamos sentir a vida interior e encontrar muitas maneiras criativas e profundas para descrevê-la, estudá-la e pregá-la, mas o dono do pomar não dirá: “Bem, não há muitas maçãs por perto, mas, pelo menos, as próprias árvores são de alta qualidade!” Se pudéssemos entrar em uma vida frutífera, nossas igrejas seriam os lugares mais felizes, reconfortantes e maravilhosos do mundo. Imagine um ciclo de Cristo crescendo em nós com todas as Suas gloriosas virtudes, atraindo mais pessoas de fora, que então começam a cultivar Cristo nelas. Depois de um tempo, estaríamos cercados de uma comunidade de glória e virtude expressando a Deus. O que poderia ser melhor?

Outra parábola no Evangelho de Lucas foi sobre um homem que preparou uma grande festa, simbolizando a obra consumada de Cristo (Lucas 14:16-24). Pouquíssimos convidados compareceram para apreciá-la, então o homem disse a Seus servos para sair e obrigá-los a entrar e encher a casa. Ao contar esta história, Cristo estava deixando claro que Deus está insatisfeito enquanto Sua casa não estiver lotada. Grupos que ficaram preguiçosos e satisfeitos responderam ao Mestre da festa: “Talvez outros possam ouvir sobre o nosso desfrute ou nos ver através de uma janela aproveitando a festa e eles virão sozinhos. Além disso, podemos estragar nosso apetite se tentarmos envolvê-los. Estamos aqui para festa, não para trabalhar!” Deus não será persuadido por tais sentimentos. Além disso, enquanto as pessoas entram progressivamente em nossa vida na igreja, constantemente saindo de bairros e escritórios, de amizades e famílias, a festa de salvação de Deus se torna mais expansiva e, portanto, mais rica e comemorativa.

O Evangelho de João é tradicionalmente conhecido como o evangelho da vida eterna, um livro muito atraente para aqueles de inclinações mais místicas da vida interior. É muito mais interessante, então, que neste evangelho, encontramos a alimentação dos cinco mil. Por que um número é mencionado? E quando os restos foram recolhidos em cestas, por que precisamos saber que o número deles era doze? A ênfase em cada caso é impressionar o leitor com quantidade – a capacidade de Cristo satisfazer a muitos. Depois desse simples entendimento, o leitor certamente pode buscar um significado espiritual nos números em si, mas a mensagem mais imediata foi entregue – muitas pessoas foram alimentadas e muito sobrou. A quantidade é importante, mesmo

no evangelho da vida. No final de João, há uma rede cheia de peixes e somos informados exatamente quantos – 153 (João 21:11). Novamente, o significado direto do número nesse versículo é “muitos”. Em um ambiente hiper-espiritual, os líderes da igreja podem facilmente cair no extremo de nunca realmente saber quantos peixes estão na rede. Como resultado, eles raramente são incomodados quando os santos estão faltando. É quase considerado vulgar contar os santos, mas se os peixes são numerados e os próprios cabelos de nossa cabeça também são (Mt. 10), certamente os santos devem ser numerados também. A vida respeita os números!

No livro de Atos, os números são consistentemente dados em relação ao sucesso do evangelho. Três mil, cinco mil e, em seguida, miríades são mencionados. A intenção deliberada é conectar a quantidade à eficácia. Se o evangelho de Jesus Cristo, o poder de Deus para a salvação, tivesse conseguido influenciar apenas quarenta pessoas após os primeiros anos de ser pregado, então isso não teria sido um grande testemunho. É a mesma ideia no livro do Apocalipse. Lá, João procura nos impressionar com números de tamanho incrível: uma companhia de anjos “dez mil vezes dez mil e milhares de milhares” (5:11) que celebram a redenção do Senhor. Lá, a ênfase no tamanho está de acordo com o desejo de Deus de exibir a grandeza das realizações de Seu Filho. Também nos é mostrada uma “grande multidão que ninguém poderia contar” (Apocalipse 7:9). Os super-espirituais agitam suas cabeças em desânimo. “Por que mencionar ‘grande multidão’? Não se trata de tamanho!” Mas o Espírito encontra alegria especial no fato de que grandes números foram afetados pela salvação em Cristo (veja também Apocalipse 19:1). Apocalipse 14 registra um grupo de 144.000 primícias seguindo fielmente o Cordeiro. Este grupo altamente espiritual é numerado. Eles não são uma “bolha” amorfa da vida. Novamente, estou ciente das interpretações mais profundas desse número, derivadas dos números compostos envolvidos – doze vezes doze vezes mil (ou poderíamos dizer três vezes quatro vezes doze vezes mil ou talvez duas vezes seis vezes doze vezes cem vezes cem). Mas acredito que a impressão primária e menos provável de variar de um expositor para o próximo é a simples ideia de uma grande quantidade. Há muitas primícias. Deus gosta disso.

### **Uma mente para o futuro**

Durante os três anos do ministério terreno do Senhor, Seus seguidores mais próximos foram doze por um tempo, depois setenta e, no final, meros cento e vinte. Foi uma quantidade bastante decepcionante, especialmente porque o Filho encarnado de Deus estava diretamente envolvido no trabalho. No entanto, seu trabalho com esses pequenos números, embora aparentemente modesto por um tempo, os preparou para um futuro de grande fecundidade. Tendo aprendido com o seu Mestre durante aqueles anos, eles mais tarde ministraram a milhares de

peessoas, aumentando astronomicamente o número de discípulos. Tal como acontece com o modelo da obra do Senhor, há um tempo para o crescimento e a infância fundamentais em qualquer grupo cristão. Pequenos grupos e pequenas igrejas devem entender que, em essência, deveriam estar fazendo a mesma coisa. Enquanto em menor número, prevemos uma maior capacidade e, assim, nos preparamos para uma maior eficácia ministerial. Nós não nos encontramos em uma sala porque gostamos do conforto dela. Não nos reunimos em uma escola ou salão para ter nosso tipo favorito de vida na igreja. Em última análise, fazemos isso porque estamos nos preparando para um futuro de serviço em direção a um mundo de pessoas que perecem e cristãos que não foram adequadamente ensinados, pastoreados ou discipulados. Portanto, devemos ter cuidado com uma filosofia [teologia] que enfatize a vida interior e o desfrute, sem enfatizar o serviço até a frutificação. Como crentes individuais e como igrejas, não somos direcionados a escolher entre a vida espiritual e o aumento numérico. O Senhor quer os dois.

### **As Bênçãos, Problemas e Desafios dos Números**

Idealmente falando, um aumento no tamanho da igreja significa um aumento em Cristo. Os puritanos da vida interior sem dúvida terão um problema com essa afirmação (sim, eu também li “O Conhecimento de Vida”). Mas minha simples lógica é que, se vinte novos crentes se juntarem à sua igreja, eles trarão consigo vinte dimensões individuais adicionais de experiência. Cristãos iniciantes têm um efeito revigorante em uma igreja, assim como as crianças novas fazem em uma família que se tornou obsoleta. Eles têm uma maneira de contribuir com novas descobertas e conflitosagridoces para toda a família da fé. Nesse sentido, enriquecer um grupo tem mais a ver com o crescimento numérico do que com ensinamentos até que seus membros atinjam um ponto de super esgotado de saturação.

Realisticamente falando, porém, números aumentados significam também aumento de problemas. Mais vinte pessoas garantirão mais vinte situações problemáticas no *mix*. Personalidades colidirão. As ofensas inevitavelmente surgirão. Haverá mal entendidos. Alguém vai reclamar de não ser cuidado o suficiente. Outra dirá que ela está se sentindo esgotada, entediada ou solitária. Na verdade, esses problemas e mais – ambição cega, fricções conjugais, problemas infantis, fraquezas, orgulho, coisas pecaminosas – todos preexistem como um microcosmo dentro de pequenos grupos cristãos. Uma lei da dinâmica de grupo sustenta que aumentar o tamanho de um grupo inevitavelmente significa também aumentar o escopo do problema.

Com tais inconvenientes, poderíamos muito bem nos encontrar perguntando se vale a pena. Talvez seja melhor simplesmente manter uma minúscula comunhão doméstica que tenha

uma filiação estacionária, mas segura. Uma vez por semana, poderíamos desfrutar de descobertas e algumas revelações da Palavra. É certo que o incentivo extra de novos rostos seria bom, mas podemos sobreviver sem ele.

O que a maioria de nós não leva em conta, é que há mais em jogo aqui do que um impulso moral e algum prazer elevado. Princípios do Novo Testamento que poderiam permanecer no reino da teoria são literalmente forçados à realidade entre os crentes em uma crescente congregação. Por um lado, com o aumento do tamanho, questões relacionadas ao aperfeiçoamento dos crentes para a obra do ministério (Ef 4) devem ser resolvidas. Essa atividade produz pessoas que são o coração, o cérebro, as mãos e os pés da igreja. Somente um trabalho perfeito de aperfeiçoamento local pode fornecer a elasticidade que a igreja precisa para dar espaço aos recém-chegados. Caso contrário, um número crescente de membros deixará os poucos que sempre cozinham, telefonam, visitam, planejam, ensinam e pastoram, para lutar sob um fardo cada vez maior. Independentemente de quão capazes eles sejam, esse núcleo talentoso tem limitações de tempo e energia. Quando esses limites são violados, como um elástico, o grupo inteiro se rompe ou volta ao tamanho original. Uma congregação só pode crescer da mesma forma que seus membros principais podem gerenciar diretamente ou delegar razoavelmente. E esse núcleo só pode crescer quando as pessoas estão preparadas para estar nele. Mesmo se o número de recém-chegados de repente se tornar assustadoramente grande por alguma razão desconhecida, sem um núcleo que funcione como apoio, eles desaparecerão em pouco tempo. Portanto, há a necessidade absoluta de membros talentosos desenvolverem outros.

Isto não deve ser confundido com o que tem sido popularmente chamado de “treinamento” ou “aperfeiçoamento” entre as Igrejas Locais. Provavelmente ninguém dissecou o conteúdo de Efésios 4 com mais precisão do que o Movimento Igreja Local. No entanto, mesmo após o patenteamento de *slogans* como “Todo mundo tem uma porção!” e décadas de treinamento ministerial, igrejas locais eficazes ainda são inexistentes. Esforços para “aperfeiçoar” não estimularam diversos ministérios locais orientados para o trabalho em equipe. Em vez disso, eles produziram grupos de legalistas altamente doutrinados e pessoas viciadas em mais e mais treinamentos. Quando se trata de transmitir verdadeiras habilidades ministeriais a pessoas sem monitores de vídeo, esboços e performances em microfones, o movimento “aperfeiçoamento” fracassou.

Os princípios que Paulo estabeleceu em Efésios 4 supostamente são mais do que truísmos presunçosos sobre o caminho certo para “fazer igreja”. Eles são instruções para as trincheiras, as linhas de frente da vida congregacional diária. No entanto, eles não se traduzem em realidade até que a igreja decida honestamente se ocupar e crescer.

O aumento gradual de números em uma congregação também muda os corações e mentes de seus membros. Aqui, a exortação do apóstolo Paulo para “ser ampliado” assume novos significados. Ninguém precisa particularmente se alongar no conforto de um ambiente menor, que é dominado por amizades que duram uma década, estudos bíblicos aconchegantes e adoradas receitas de pão de banana. No entanto, à medida que as segundas e terceiras fileiras de sua reunião e, em seguida, todas as cadeiras sobressalentes empilhadas na garagem se enchem de pessoas, surgem novos desafios. Os santos devem agora decidir se preferem uma vida clichê da igreja ao invés de uma que crie espaço para novas pessoas.

Se a preferência é distintamente pró-clique, todas as concessões na igreja para os recém-chegados irão provocar reclamações de membros estabelecidos. Qualquer coisa, desde o conteúdo da mensagem até o estilo musical e o horário da reunião, pode facilmente se tornar um tópico muito debatido. A **pequenez do coração** é precisamente de onde todas essas “preocupações” vêm. Nosso cronograma e modo de fazer as coisas são ajustáveis, mesmo para o bem das almas que não poderiam ser alcançadas de outra forma? Parece que somente os cristãos devem ponderar seriamente essa questão. Pergunte a um casal de expectantes se eles estão dispostos a fazer ajustes em sua programação e em seu modo de fazer as coisas em prol do novo bebê. Apenas o pai mais desavisado não chegou a um acordo com isso. Todo mundo sabe que a vida nova sempre chega, perturbando a rotina e nos forçando a viver de maneira diferente. Apenas corações que estão dispostos a ser ampliados sobreviverão à experiência.

Como parte de sua ampliação do coração, uma igreja também deve estar pronta para se aventurar fora da familiaridade confortável de sua própria rede de “amigos”. A maioria das congregações pequenas e estabelecidas desfrutam de companheirismos bem unidos e acham difícil assimilar pessoas de fora. Embora ninguém seja abertamente hostil a eles, os visitantes detectarão rapidamente essa lacuna. É aparente quando os membros se amontoam apenas com amigos após as reuniões, constantemente e casualmente se referem a coisas que apenas um público interno saberia, e evitam os recém-chegados. Esses são apenas alguns dos sinais de que a igreja ainda não é grande o suficiente para fornecer uma entrada para os outros.

Por volta de 1999, a igreja de Colombo adotou medidas que propunham sua aversão aos visitantes. Depois das reuniões, fizemos questão de procurar deliberadamente novos rostos e apertá-los com as mãos, mesmo que isso significasse ficar na fila para fazê-lo. Isso foi tratado com o mesmo grau de importância que os exercícios espirituais na reunião anterior. É claro que eu percebo que isso também pode ser visto como estranho aos visitantes da primeira vez, mas foi nossa maneira de exagerar para compensar nosso extremo anterior. Equilibramos, desde então. Além disso, a fim de facilitar uma atmosfera acolhedora, deixamos de mencionar eventos ou os nomes de pessoas conhecidas apenas em nossa comunhão. Paramos de admitir que todos em

nossas reuniões eram de longa data. E claro, assim que eles estavam prontos, convidamos novos amigos para nossas casas e lhes oferecemos lugares de serviço na igreja. Esta foi a nossa primeira experiência de ser ampliados e, no entanto, havia muito mais por vir.

O presbitério aqui foi esticado para limites quase agonizantes. Tivemos que aprender coisas novas como plantar uma congregação de jovens e permitir que ela funcionasse com relativa autonomia. Nós também tínhamos que perceber que os talentos dos novos membros em geral não eram lixo natural que precisava ser “riscado”, mas dons de Deus que maximizariam nossa missão de alcançar o mundo e edificar a igreja. Esses dons precisavam de apoio e assistência para o seu desenvolvimento, não de ensinamentos espirituais distorcidos que exigiam que eles fossem enterrados. Hoje, novos projetos estão no horizonte e, sim, outras épocas de ampliação os acompanharão. Esperamos que à medida que a igreja aumente de tamanho, os corações de todos os santos estarão envolvidos.

### **Pontos de partida**

A honestidade não parece uma maneira muito prática de começar o crescimento da igreja. No entanto, é exatamente aí que os líderes precisam começar. Quantas pessoas estão em sua igreja? Se você não puder responder com certeza ou sem um fator de distorção inserido para proteger seu orgulho, talvez nunca se dê conta de que está com problemas. Perguntas sobre o tamanho da igreja são mais difíceis de responder do que parecem. A maioria dos líderes mantém uma estimativa redonda em suas cabeças e informa isso como sua presença, mesmo que o número tenha diminuído nos últimos anos. Dezessete pessoas continuam a ser relatadas como trinta e alguns. Trinta e sete são sessenta e alguns. Ninguém está necessariamente mentindo (ok, talvez alguns estejam); é apenas que os números são um assunto particularmente doloroso para as igrejas locais abordarem. Embora conferências e treinamentos possam aumentar a aparência do tamanho do Movimento, a situação nas congregações locais vem se deteriorando há décadas. O melhor que pode ser dito para a maioria é que eles têm mantido tremendamente uma aparência de seus membros anteriores.

A primeira ordem de negócios, então, é estabelecer o tamanho exato de sua congregação. Isso não significa recuar para uma contagem teórica em que você percebe que todos os cristãos da cidade estão na igreja naquela cidade. Você também não deve basear seus cálculos em um pico – algumas reuniões que foram inesperadamente grandes devido aos visitantes, seus filhos e ao cara que pensou que o local era um café. Também não queremos uma contagem de legados, que inclui membros de longa data que estão tão pouco ao redor que são novidade quando aparecem.

Tampouco estamos procurando por uma conta de cuidados que acompanhe cada alma perturbada de alguma forma ligeiramente conectada à congregação.

Esses métodos de numeração, que são os favoritos dos líderes da Igreja local, nublam as ideias precisas da verdadeira força da igreja. Sugiro começar por numerar aqueles que participam de reuniões semanais. Isso dará uma ideia imediata de quem está confiável com você. Claro que não estamos eliminando da igreja aqueles que não podem comparecer todos os domingos. Essa não é a questão. Esse exercício de numeração serve apenas para tentar ter uma ideia da força da igreja sempre que ela se une.

Mesmo com uma contagem precisa, seu atual tamanho congregacional pode não contar toda a história de como vem sendo feito, em termos de crescimento. Sim, trinta e cinco santos podem não ser um número ruim, a não ser, é claro, trinta e cinco nos últimos trinta e cinco anos. Sua igreja tem uma história que pode lhe dizer muito mais do que suas estatísticas atuais. Isso inclui dar uma ideia de onde ele provavelmente irá no futuro. Se números de comparecimento passados puderem ser fornecidos e depois representados graficamente, os dados revelarão claramente se a sua congregação cresceu, se estabilizou, diminuiu ou parou ao longo dos anos. Os resultados podem ser chocantes, mas uma dura dose de verdade pode evitar que você continue vivendo em uma situação sem saída.

Armado com esta informação preliminar, você pode continuar a fazer mais perguntas. Você cresceu ou encolheu nos últimos cinco anos? Se você cresceu, então como isso aconteceu? Foi através de pessoas sendo salvas ou cristãos se juntando a você ou outras pessoas da Igreja Local que estão se mudando? Se você encolheu, então por quê? As pessoas se afastaram ou ficaram ofendidas ou simplesmente tiveram necessidades que você não conseguia encontrar? Isso envolverá mais honestidade. Não se permita inventar as mesmas desculpas antigas e folclóricas do Movimento, que não pode aceitar nem mesmo a sugestão de que precisa ajustar seu programa.

Como outro ponto prático, tente estabelecer algumas metas numéricas, mas seja realista. Não repita o que foi feito nos anos 80, quando as igrejas locais esperavam dobrar em um ano e depois a cada ano depois disso. Os jovens tinham a garantia de que, se entrassem em grupos de propagação, ocorreria uma taxa de crescimento exponencial, culminando no retorno de Cristo treze anos depois. Essas previsões ridículas, há muitos anos, me fizeram começar a questionar a maturidade dos líderes do Movimento. Mesmo quando jovem, eu sabia que as almas humanas nunca agiriam de maneira tão previsível a ponto de se conformarem aos esquemas de processamento de números.

Assim, selecione uma meta de crescimento que pareça razoável para o tamanho e a composição de sua congregação. Um ano nosso trabalho no *campus* tentou: “Cada um traz um” como um lema. Não foi muito realista, porque nem todos estavam em condições de trazer alguém

para a igreja. Nós poderíamos ter sido melhores dizendo: “Todos convidam um.” Esse teria sido um objetivo mais acessível e, ao cumpri-lo, poderíamos ter conseguido algumas pessoas para continuar conosco. Como um exercício mais pragmático, recentemente o “Programa 590” começou. A Ohio State University tem cerca de 59.000 alunos e nossa organização no *campus* estabeleceu uma meta de atingir 1% deles com o evangelho. O esforço foi considerado realista levando-se em conta quantos estudantes se encontram conosco, além de seu nível de consagração. As expectativas também foram razoavelmente definidas. O programa não afirma que 590 devem ser salvos, apenas 590 devem ouvir o evangelho e rejeitá-lo ou aceitá-lo. Resultados finais como a salvação estão nas mãos do Senhor, mas o esforço para pregar certamente pode estar no nosso. Até agora isso parece estar funcionando.

Não tenha medo de metas voltadas para números. Muitos anos nós não pensamos em termos de números e não fizemos nenhum objetivo. Sem metas, não nos preocupamos com a estratégia. Sem estratégia, não tínhamos expectativa. Onde não havia expectativa, não havia oração. E, claro, onde não há pedido de oração, não há como receber. Não deixe que sua experiência anual seja assim – não tenha crescimento porque acha que não é espiritual querer isso.

Apesar do que os críticos dizem, o crescimento da igreja não precisa ser o domínio do consumismo religioso barato. Não precisa envolver a despersonalização das pessoas ou um comprometimento da fé. Todo o peso dos números originou-se do próprio Deus e continua até hoje como um mandamento divino e uma promessa. Este fato não foi perdido em pessoas profundamente espirituais como Andrew Murray, A. B. Simpson e Hudson Taylor, que estavam ocupados em ganhar muitas pessoas para Cristo. Nem deveríamos pensar em nós mesmos como estando acima da questão dos números, não importa quão espirituais nos propomos a ser. Como servos nos disseram para encher a casa. Nisto, o mestre da festa ficará feliz. E você também.